



AGRESSIVIDADE ESCOLAR: *BULLYING* E SABERES DOCENTES

Rosemeire Barreto dos Santos Carvalho¹

INTRODUÇÃO

O termo *bullying*, de origem inglesa e que ainda não tem tradução no Brasil, designa atos de violência, tanto físicas como psicológicas e repetitivas. Conforme Silva (2010), *bullying* é um fenômeno tão antigo quanto à própria instituição denominada escola. No entanto, o tema só passou a ser objeto de estudo científico no início dos anos 1970. No Brasil, as pesquisas e a atenção voltadas ao tema ainda se dão de forma incipiente.

A violência nas escolas é, hoje, um fenômeno real; trata-se de uma questão multicausal e complexa que demanda, ainda, análises e estudos mais aprofundados. Este tipo de estudo vem se tornando cada vez mais urgente visto que ajuda a entender um pouco melhor esta situação complexa que é vivenciada por milhares de jovens todos os dias no espaço escolar.

O *bullying* é um problema a ser enfrentado, que está presente nas formas de atitudes agressivas intencionais e repetidas, que vem ocorrendo sem ou com motivação banal causando os mais variados tipos de sentimentos desagradáveis ao ser humano. Fante (2005, p. 29) define *bullying* como “[...] um conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, adotado por uma ou mais pessoas contra outra(s), sem motivos evidentes, causando dor e sofrimento, e executado dentro de uma relação desigual de poder, o que possibilita a intimidação”.

Dessa forma, compreende-se que são atitudes executadas dentro de uma relação desigual de poder e resistência, portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são características essenciais que tornam possível a intimidação da vítima. Esta, normalmente, é incapaz de motivar professores e responsáveis para agirem em sua defesa.

¹ Mestra em Educação/PUC- Goiás; rosemeirebarreto@hotmail.com
GT7 – Violência na escola e educação moral



Segundo Silva (2010), o *bullying* é uma forma de violência gratuita que pode ocorrer em qualquer local, porém, é no ambiente escolar que aparece com mais intensidade, devido às relações interpessoais e também porque se lida com indivíduos em pleno desenvolvimento e de formação de caráter. Esse fenômeno caracteriza-se pela repetição das agressões contra a mesma vítima em um determinado período de tempo, pelo desequilíbrio de poder entre as partes, pela intencionalidade de causar danos e prejuízos às vítimas. A autora afirma que o *bullying* envolvem três grupos: os agressores, as vítimas e os espectadores.

A escola tem sofrido mudanças e tem o desafio de administrar conflitos gerados por diferentes formas de violência, uma vez que é um espaço propício aos processos de socialização e integração social. De acordo com Silva (2010), o *bullying* pode se manifestar de maneiras diferentes, entre elas, por meio verbal (insultar e ofender); físico e material (bater, espancar entre muitos outros); psicológico e moral (irritar, pela exclusão do outro, a ignorância, a ridicularização); sexual (abuso, violência, assédio e insinuação); e virtual conhecido como *ciberbullying*.

Na maioria das vezes, esse fenômeno é recorrente de preconceitos e de intolerância diante das adversidades. As vítimas escolhidas são alunos que não se encaixam no padrão imposto pelo grupo. Dentre as estratégias utilizadas pelos agressores, está o abuso de poder, a prepotência e a intimidação, para impor sua autoridade e manter seu domínio. A gravidade do problema é percebida na grande preocupação de especialistas educacionais e profissionais na área de saúde física e psicológica. Silva alerta:

Além de os *bullies* escolherem um aluno-alvo que se encontra em franca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima. A prática de *bullying* agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis (2010, p.25).

A autora deixa claro que, embora a violência tenha se apresentado no meio escolar nas suas diversas facetas, o *bullying* tem causado traumas, desvios de condutas, baixa autoestima, deficiência na aprendizagem e até suicídios.

Há um grande entrave que precisa ser avaliado: a lei do segredo. Os alunos têm dificuldades para denunciar ou procurar ajuda, por medo, ou por



achar o fato sem importância. Os estudantes que não são nem autores, nem vítimas das agressões, imaginam que não possuem responsabilidade em comunicar o fato ao professor. Eles temem que uma providência seja interpretada como um ato desprezível pelos colegas ou serem transformados em próximas vítimas pelos agressores. Desta forma, este mal se alastra dentro do ambiente escolar. Os professores, os gestores, funcionários e pais precisam estar atentos para buscar soluções.

O *bullying* é um fenômeno complexo e multicausal, as estratégias para o seu enfrentamento deverão ser igualmente complexas. O desafio fica em elaborar essas estratégias que deem conta dessa agressividade. Nesse sentido, os esforços investidos para uma escola sem violência parecem ser mais exitosos se for assumido que o *bullying* é um elemento do cotidiano escolar, o qual, professores, gestores, funcionários, alunos e familiares devem estar juntos para compreendê-lo e enfrentá-lo.

Fante (2005) alerta para a importância do papel do profissional da educação, principalmente o professor, e a urgência do envolvimento das autoridades:

[...] se quisermos construir uma sociedade em que a violência seja repudiada, é necessário que o olhar das autoridades esteja voltado à educação, pois é aí que se deve iniciar o processo de pacificação. Para isso, sugerimos que os profissionais que trabalham como educadores sejam preparados para lidar com as emoções dos alunos, dando lugar, em suas aulas, para a expressão de afeto, com isso, aprenderão a lidar com seus próprios conflitos e com os mais diversos tipos de violência, especialmente o *bullying* (p. 212 e 213).

É necessário que a escola, os professores e as famílias reflitam e apresentem, por meio de ações concretas, mudanças contínuas. É fundamental que a vítima do *bullying* encontre entendimento para o seu sofrimento e que cada agressor se dê conta de sua transgressão, renovando, assim, a esperança de viver em sociedade justa e solidária. Assim, as autoridades educacionais também são parceiros indispensáveis nesse embate.

PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO AO BULLYING



Diante desse fenômeno, Goiás, criou a Lei nº 17.151, de 16 de setembro de 2010, que prevê um trabalho de conscientização, prevenção e combate ao bullying nas escolas públicas e privadas.

Art. 1º As escolas públicas e privadas da Educação Básica do Estado de Goiás deverão incluir em seu projeto pedagógico medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao “bullying” escolar.

Art. 2º Entende-se por “bullying” a prática de atos de violência física ou psicológica, de modo intencional e repetitivo, exercida por indivíduo ou grupos de indivíduos, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de constranger, intimidar, agredir, causar dor, angústia ou humilhação à vítima.

Art. 3º Constituem objetivos a serem atingidos:

I - conscientizar a comunidade escolar sobre o conceito de “bullying”, sua abrangência e a necessidade de medidas de prevenção, diagnose e combate;

II – prevenir, diagnosticar e combater a prática do “bullying” nas escolas;

III – capacitar docentes, equipe pedagógica e servidores da escola para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

IV – orientar os envolvidos em situação de “bullying”, visando à recuperação da autoestima, do desenvolvimento psicossocial e da convivência harmônica no ambiente escolar e social;

V – envolver a família no processo de construção da cultura de paz nas unidades escolares e perante a sociedade. (GOIÁS, 2010).

Com a vigência da lei, a Secretaria de Educação do Estado de Goiás (SEDUC), por meio da Gerência de Programas Transversais, iniciou o curso de formação de “Políticas de Prevenção e Enfrentamento *bullying*” (40 horas), na modalidade a distância semipresencial, aos profissionais da educação para diminuição de *bullying* nas escolas. A proposta do curso estabelece que

As atividades desenvolvidas no curso têm com foco primário a percepção e diagnóstico de incidentes como desrespeito, provocação, indisciplina, conflitos, preconceito, discriminação, exclusão, sofrimento mental e agressão/violência. Na finalização das atividades o cursista poderá prevenir e intervir contra as formas de *bullying*.

Além disso, outra finalidade do curso é mostrar como os integrantes da comunidade escolar vítimas de *bullying* podem ser amparados por aqueles que participaram de políticas de prevenção e enfrentamento aos efeitos do *bullying*, melhorando a qualidade de vida, e consolidando a constituição de cidadãos conhecedores de seus direitos e deveres perante a comunidade escolar e sociedade (SEDUC, 2011, p.4).



Para isso é preciso que não só a escola, como os pais e toda comunidade escolar, tenham interesse pelo assunto e se envolvam realmente em projetos juntos à escola, de política de enfrentamento ao *bullying*, pois é necessário esclarecimento de todos aqueles envolvidos no processo educacional. Entretanto, não é uma tarefa fácil. Segundo Carvalho:

É claro que tratar esse grave problema é uma tarefa árdua e complexa, que exige empenho e comprometimento, mas é necessário ser otimista. Se as pessoas estiverem dispostas a conversar com as crianças e escutá-las sobre suas preocupações, será fácil criar um ambiente harmonioso. E quanto mais cedo começar a dialogar, melhor. (Diário da Manhã, 25/05/2011).

Frente a esse fenômeno, torna-se importante que o docente tenha uma formação adequada para lidar com as situações de *bullying* em todos os momentos em que se manifesta na escola e promova a interdisciplinaridade, articulando com os diversos saberes disciplinares, na construção da aprendizagem e da convivência no ambiente escolar.

FORMAÇÃO E SABERES DOCENTES NO ENFRENTAMENTO AO BULLYING

A formação inicial e continuada de professores permitem aos professores mais qualidade cognitiva no processo de construção e reconstrução de conceitos, de procedimentos e de valores, sublinhando a importância de priorizar uma sólida formação teórico que se articula à qualidade da prática pedagógica do professor.

Dessa maneira, a formação de um professor implica processo constante de reflexão aprofundada sobre esse fazer, buscando novos elementos que permitam uma abordagem e uma análise das complexas questões educacionais no cotidiano da escola. Tais procedimentos deverão possibilitar um redimensionamento do fazer pedagógico, a partir dos elementos integrados ao seu sistema de referências cognitivas, epistemológicas, teóricas e de ações do professor compatíveis com sua atuação no magistério.

De acordo com Tardif (2002, p. 38) “professores, no exercício de suas próprias funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes



específicos, baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento do seu meio”. Entretanto, não é demais afirmar que a experiência, a troca entre os pares, embora possa ser um fator importante para o desenvolvimento profissional e de afirmação de valores próprios da profissão docente, nem sempre é suficiente para responder às dificuldades da prática, pois a busca de soluções para muitos desses problemas requer contribuição teórica.

A reflexão crítica é considerada essencial para a formação e o bom desempenho do trabalho docente. Como alerta Brzezinski (2002), não basta delinear o perfil do profissional que se deseja, é preciso compreender e aperfeiçoar o profissional que existe ao analisar o contexto que o envolve. Assim:

As transformações que vão ocorrendo por toda a vida dos professores poderão levá-los a atingir condições ideais que garantam um exercício profissional de qualidade. Tal processo conduz à profissionalização, pois essa poderá ser atingida mediante um movimento em direção ao aperfeiçoamento das condições para atingir um elevado *status* e valorização social que são determinantes para a profissionalidade e o profissionalismo docente (BRZEZINSKI, 2002, p.10).

Nesse processo, portanto, a experiência de vida do professor e os seus saberes tornam-se elementos chave para o seu desenvolvimento profissional. Porém, não é suficiente a mudança do profissional, é preciso mudar também os contextos em que ele atua. O desenvolvimento profissional está articulado com os projetos pedagógicos das escolas que possuem autores individuais e coletivos, constituindo uma construção humana.

É importante considerar que os professores, quando dotados de base sólida, adquirida na formação inicial, produzem saberes específicos relativos ao seu próprio trabalho e que são capazes de deliberar com maior segurança sobre suas próprias práticas partilhando com seus pares. Em sua trajetória de vivência em sala de aula, constroem e desconstroem seus saberes conforme suas experiências de vida, seus percursos formativos e profissionais.

No que concerne a sua função, a formação de qualidade deve preparar o professor para ser reflexivo diante de situações da vida profissional, seja de novos paradigmas, de ideologias ou de qualquer outro problema cotidiano da escola. A teoria apreendida durante a formação inicial deve



articular-se às reais condições do exercício docente, contribuindo para a formação de um profissional que saiba refletir sobre sua prática.

O professor não pode ser limitado a um mero transmissor de conteúdos escolares, mas atuar como um pesquisador, com apoio de conhecimentos adquiridos de estudos e de sua prática. Deve preocupar com as características do desenvolvimento e aprendizagem dos seus alunos, tomar consciência do que faz ou pensa sobre sua prática pedagógica e adquirir uma postura reflexiva das atividades e procedimentos na sala de aula. Por isso, é preciso reiterar que a formação inicial não oferece produtos acabados, mas que deve ser encarada como primeira fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento profissional e pessoal.

Desta forma, o docente, ao longo do exercício de sua profissão, precisará aprofundar e ampliar seus conhecimentos, revendo as suas ações e atitudes no ambiente em que trabalha. Nesse desafio, surgem as dificuldades dos docentes em compreender e saber como lidar com comportamentos de agressividade no cotidiano escolar. É fundamental que esse fenômeno seja discutido e analisado na universidade e posteriormente nos programas de formação continuada. Compreender essas manifestações de agressividade que vem provocando *bullying* é de fundamental importância para auxiliar na construção de uma proposta de prevenção e enfrentamento na escola.

METODOLOGIA

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, caracteriza-se como um estudo de caso. Nessa modalidade, a escola, o ambiente escolhido para investigação, constitui-se a fonte direta de coleta de dados e o pesquisador deve ter uma relação dinâmica com os sujeitos para uma melhor interpretação dos fenômenos pesquisados.

Bodgan e Biklen (1994, p.89) explicam que o estudo de caso “consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documento ou de um acontecimento específico”. E Brzezinski (2007, p.9) salienta que essa é uma modalidade de investigação que “envolve



pesquisador e pesquisados em uma ação que tem o propósito de descobrir alternativas para descrever e analisar problemas que atingem segmentos populacionais mínimos, quando comparados à natureza das pesquisas quantitativas”.

O estudo de caso foi realizado em uma escola pública de Goiânia/GO que atende alunos do Ensino Fundamental (6º a 9º ano) e Ensino Médio (1º a 3º Ano). A escolha dessa escola foi feita com base em dois critérios: primeiro, os professores passaram por um curso de “Prevenção e enfrentamento ao bullying”, ofertado pela Secretaria Estadual de Educação (SEDUC). Por outro lado, os alunos do 8º ano participaram do projeto realizado pela escola criado durante o curso. Participaram dessa pesquisa 5 professores que atuam no Ensino Fundamental, duas coordenadoras pedagógicas, 1 diretor e o vice-diretor. Foram aplicados como instrumentos de coleta de dados entrevistas e um questionário com perguntas abertas e fechadas. As questões fechadas objetivaram traçar o perfil profissional dos sujeitos da pesquisa. As questões abertas pretendiam identificar as percepções dos professores diante dos conflitos entre alunos ao bullying; tipos de violência que consideram mais frequentes na escola; procedimentos que utilizam para contenção do bullying na escola; formação inicial e continuada para atuarem como agentes na prevenção do bullying na escola. Os dados obtidos por meio dos instrumentos proporcionaram uma reflexão aprofundada e uma construção teórica que ofereceram pistas para atingir os objetivos previamente propostos.

RESULTADOS

Entre os resultados, a pesquisa mostra que apesar do projeto pedagógico da escola atender o que determina a Lei, alguns professores demonstram dificuldades de resolver alguns conflitos em sala de aula e adotam o uso de diálogo ou transferem o problema para a Coordenação Pedagógica. Ao serem questionados sobre suas intervenções diante da ocorrência de *bullying* na sala de aula, os professores afirmaram que sua primeira reação é



dialogar com os envolvidos e, se a conversa não surtir efeito, eles encaminham o caso para a Coordenação Pedagógica.

Quanto à percepção do *bullying*, os professores percebem essa prática e identificam os alunos envolvidos, entretanto, mostram-se inseguros em mediar esse conflito. Os professores reconhecem que o comportamento do docente é influenciador no processo educacional e comportamental dos alunos e afirmam que não agredem verbalmente ou moralmente os alunos demonstrando respeito e afetividade por eles.

Com relação ao tempo de experiência trabalhada, destacam-se dois professores com mais tempo na profissão que apresentaram maior facilidade em perceber a prática de *bullying*, identificar os envolvidos e se empenharem em resolver o problema por meio da reflexão. Vale ressaltar o esforço desses professores no compromisso de mediar os conflitos em sala de aula e na preocupação da formação humana dos alunos. Afinal, neste contexto onde o professor convive com condições de trabalho adversas, com a falta de uma formação específica, com a ausência de uma política de valorização do magistério e com uma sociedade em constante mudança, ele é o protagonista de uma função que convive com muitas dificuldades, mas que também tenta encontrar possibilidades para a realização de um trabalho significativo.

Ao perguntar aos professores que tipos de manifestações ocorrem na escola, que caracterizam como *bullying*, após ser realizada uma breve definição sobre o conceito, “como uma ação/comportamento de forma repetitiva, por um período prolongado, contra uma mesma vítima, mais frágil que o agressor”, os docentes responderam de forma generalizada, por exemplo, falta de respeito, apelidos, agressão física, humilhação e agressão verbal. Entretanto, com a insegurança de alguns professores, ficou evidente a dificuldade em saber separar o comportamento típico da idade com indícios dos comportamentos inadequados entre os alunos.

Em relação à formação inicial recebida e o fenômeno *bullying* na escola, todos os professores indicaram que não foi trabalhado o tema *bullying* no espaço/tempo dessa formação. Eles apontaram como problema o não tratamento do *bullying* e a pouca inserção da prática e da falta de informações para se tratar com as situações conflituosas diárias em sala de aula. Como esses professores já atuavam na profissão havia mais de 15 anos, é possível



inferir que sua formação inicial se dera num período em que a discussão sobre o *bullying* não se constituía num tema que fizesse parte do elenco de conteúdos tratados nos cursos de graduação.

Para o desenvolvimento do trabalho docente, é necessária uma formação inicial eficaz e para isso é preciso de políticas educacionais de formação de professores que ajudem nesse processo. A formação inicial do professor é a base profissional desse indivíduo. De acordo com Tardif (2002), os saberes profissionais correspondem ao conjunto de saberes transmitidos pelas instituições responsáveis pela formação profissional dos professores e que estes, durante o processo de formação acadêmica, entram em contato com as ciências da educação e os conhecimentos adquiridos se transformam em saberes que se destinam à formação científica dos docentes. Porém é fundamental que o professor, hoje, busque uma formação continuada, já que esta é um processo subsequente em decorrência das mudanças da sociedade e cabe ao professor acompanhar essa evolução.

Dentre os sujeitos pesquisados, 5 professores afirmam que os alunos que participaram do projeto *antibullying*, desenvolvido pela escola, modificaram a forma de pensar e agir. Esta alteração no comportamento minimizou os índices de agressividade em relação aos alunos novatos que não sofreram intervenções por meio do projeto. Assim, os estudantes tiveram a oportunidade de aprenderem a lidar com as situações conflituosas articuladas com os valores da solidariedade e respeito.

É importante enfatizar a importância dos professores em compreender a dinâmica do *bullying* na escola e tomar conhecimento acerca das suas dificuldades e necessidades. Entretanto, não se pode negar que a iniciativa da SEDUC, em oferecer um curso de formação em prevenir as práticas violentas, ações específicas de *bullying*, contribuiu de maneira significativa de redução dessas práticas, bem como a forma de pensar e agir no espaço escolar. Vale ressaltar que o enfrentamento efetivo exige mudanças em todos os níveis, pois se professores, coordenadores e funcionários não mudarem suas atitudes e comportamentos, os alunos não irão alterar os seus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Diante da realidade exposta, é perceptível a preocupação dos professores em investirem nos projetos exitosos de prevenção à violência na escola. Amparando essa necessidade de um trabalho para além de sala de aula, que envolva, de alguma forma, toda a comunidade escolar. É importante discutir e analisar educativamente as práticas, valores e informações que veiculam no âmbito escolar buscando o desvelamento e não o acobertamento das práticas de discriminação e de intolerância que podem gerar violências entre os adolescentes e jovens e seus pares no contexto escolar. Assim, compreender e refletir sobre as relações cotidianas (diferenças e preconceitos) na escola contribui para uma melhor compreensão das situações de violência e, portanto, auxiliam na busca de alternativas mais inclusivas e democráticas.

A criação da Lei nº 17.151, de 16 de setembro de 2010, determina a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao “bullying” escolar no projeto pedagógico, entretanto, não apresenta sugestões de formação pedagógica a todos os profissionais da educação para o combate do fenômeno. É notório que só a implementação de uma legislação não garante a superação do *bullying* e os direitos das crianças e dos adolescentes. É preciso que diante dessa legislação se garanta uma formação inicial e continuada de qualidade para os educadores, para que estes tenham condições de realizar medidas que realmente contribuam para a prevenção ou enfrentamento desse mal que tem modificado os ambientes escolares. É preciso que as medidas sejam adequadas aos profissionais da educação para garantir condições de trabalho satisfatórias, ambientes adequados aos estudantes e a organização da escola voltada para a implantação de culturas e políticas de paz para o fortalecimento das relações escolares.

O *bullying* é um fenômeno complexo, de difícil solução que exige envolvimento e compromisso de todos os componentes da comunidade escolar. Assim, reforça a necessidade de intervenção de políticas públicas consistentes na formação inicial e continuada de professores que proporcione condições para o enfrentamento a esse fenômeno que vem assolando os ambientes escolares.

REFERÊNCIAS



BOGDAN, Robert C. BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradutores: ALVAREZ, Maria João; SANTOS, Sara Bahia; BAPTISTA, Telmo Mourinho. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRZEZINSKI, Iria. *Metodologia de Pesquisa no Campo da Educação*. In: Brzezinski, Iria; ABBUD, Maria Luiza Macedo; OLIVEIRA, Cláudia Chueire de (Orgs.) *Percursos de Pesquisa em Educação*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

_____. *Profissão professor: identidade e profissionalização docente*. Brasília: Plano, 2002.

CARVALHO, Rosemeire Barreto dos Santos. *A comunidade escolar na prevenção e enfrentamento ao bullying*. *Diário da manhã*. Goiânia, p. 2, 25 maio 2011. Especial para opinião pública.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2. ed. Campinas, SP: Versus Editora, 2005.

GOIÁS. Assembleia Legislativa. Lei nº 17.151, de 16 de setembro de 2010. Dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao “bullying” escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas e privadas de Educação Básica do Estado de Goiás, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.gabinetecivil.go.gov.br/pagina_leis>. Acesso em: 23 set. 2012.

SEDUC/GOIÁS. *Curso de políticas de prevenção e enfrentamento ao bullying*. Goiânia/GO: SEDUC, 2011.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.